

Debate em torno dos Nativos Digitais

The Digital Natives Debate

ODETE GIRÃO, SARA PEREIRA E MANUEL PINTO¹

Resumo

A ideia de uma nova geração de jovens, denominados Nativos Digitais, imbuídos de competências tecnológicas e com preferências para as quais a educação tradicional não está preparada gerou a atenção de vários investigadores. Desde logo houve uma necessidade de os estudar e caracterizar, mas rapidamente surgiram discrepâncias em torno das mesmas para as quais era necessário obter resposta através do estudo empírico. Vários estudos foram realizados e há já uma ideia generalizada de que não se pode considerar esta geração como uma realidade homogénea, na medida em que vários fatores contribuem para a sua diferenciação. Neste artigo pretendemos debater e refletir sobre o conceito de “nativos digitais” e o seu significado, baseando-nos em três estudos empíricos que refletem sobre as possíveis divergências existentes entre a geração de jovens nascidos entre os anos 80 e 90.

Palavras-chave: Nativos digitais; fosso digital; TIC

Abstract

The idea of a new generation of youth, called Digital Natives, imbued with technological skills and preferences for which traditional education is unprepared generated the attention of several researchers. Since their appearance there was a need to study and characterize them, but quickly discrepancies arose for which it was necessary to get an answer through empirical study. Several studies have been conducted and there is already a widespread idea that one cannot consider this generation as a homogeneous reality, to the extent that several factors contribute to its differentiation. This article aims to discuss and reflect on the concept of “digital natives” and their meaning, based on three empirical studies that reflect on the possible differences between the generation of young people born between the 80’s and 90’s.

Keywords: Digital natives; digital gap; TIC

¹ Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, campus de Gualtar, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Endereços eletrónicos: ogirao@hotmail.com; sarapereira@ics.uminho.pt; mpinto@ics.uminho.pt

1. INTRODUÇÃO

“Equal and massive access to internet does not mean universal and uniform usage” (Hargittai, 2010)

As novas tecnologias da informação e da comunicação favoreceram a ligação constante e a interação com diferentes meios levando, ao mesmo tempo, a mudanças em todas as áreas da sociedade, tanto a nível económico, como político e social. A constatação de uma geração que nasce e cresce rodeada pelas tecnologias levou vários investigadores a estudar os seus comportamentos, na tentativa de a cunhar e caracterizar com base nas suas vivências digitais. Por se basearem maioritariamente no senso comum, sem sustentação empírica os proponentes e defensores do conceito de Nativos e Digitais e da “Net Generation” foram alvos de várias críticas que desde cedo lhes conferiram inúmeras divergências. Tal como refere McKenzie (2007) o facto de terem nascido numa cultura digital não significa que tenham sido “abençoados” digitalmente, nem que tal imersão possa ser considerada um automático estado de graça. De acordo com estes críticos o fosso digital não se encontra apenas entre os Nativos Digitais e os Imigrantes Digitais, chamando a atenção para o fosso entre a própria geração que segundo eles é muito mais complexo do que se possa pensar. Mesmo com um acesso em larga escala, surgem padrões extremamente diferentes na utilização que estes jovens fazem dos meios digitais.

Nesta comunicação pretende-se, com base na literatura existente e nos estudos empíricos já efetuados, debater e refletir sobre as possíveis divergências de ordem social, cultural e económica existentes dentro da geração de jovens que nasceram após os anos 90. Neste sentido, faremos uma breve revisão da literatura e dos debates em torno dos Nativos Digitais, apresentaremos três estudos empíricos realizados com os jovens em questão, na tentativa de encontrar evidências para a existência de tais disparidades nesta geração. Com esta abordagem pretendemos chamar a atenção para a necessidade de efetuar estudos empíricos que fundamentem, completem ou eventualmente refutam as teorias apresentadas.

2. AS NOVAS GERAÇÕES

A ideia de que a geração nascida após os anos 80 e 90 cresceu com acesso a computadores e à Internet e por isso é inerentemente conhecedora das tecnologias, levou vários académicos a investigarem este grupo de jovens na tentativa de caracterizar a sua geração com base nas suas vivências digitais, sociais e culturais (Schulmeister, 2008). A origem do debate sobre Nativos Digitais inicia-se nos anos 90 quando começaram a surgir comentários sobre uma disparidade entre os jovens da altura e os seus pais e professores (Corrine, et. al, 2010: 643). Nas últimas décadas várias designações foram apresentadas para caracterizar os comportamentos dos jovens face às tecnologias emergentes, procurando através de uma caracterização social, compreender os jovens nascidos numa época em que o acesso às tecnologias é quase generalizado e a sua utilização cada vez mais frequente.

Ao longo da última década, esta geração foi denominada de diversas formas, no entanto, o termo apresentado por Prensky (2001) “Nativos Digitais” é o mais citado e referido quando se discutem as características e preferências desta geração (Koutropoulos, 2011).

3. NATIVOS DIGITAIS - A IDEIA DE PRENSKY

Prensky (2001) considera que estes jovens são Nativos Digitais porque são “native speakers” da linguagem digital, dos computadores, dos jogos de vídeo e da Internet. De acordo com este autor, estes jovens são totalmente diferentes da geração anterior, uma vez que são a primeira geração a crescer com novas tecnologias, fazendo com que pensem e processem a informação de uma forma totalmente diferente da dos seus antecessores. Prensky (2001a) refere que estes jovens recebem a informação de uma forma rápida, preferem os gráficos aos textos, gostam de utilizar as novas tecnologias, exigem gratificação e reconhecimento imediato e preferem os hipertextos e os jogos em vez do trabalho estático ou linear. Na segunda parte do seu texto *Digital Natives, Digital Immigrants*, Prensky (2001b) vai mais além referindo que estes jovens pensam e agem de forma diferente, chegando mesmo a afirmar que o seu cérebro é fisicamente diferente do dos seus antecessores, como resultado da sua interacção com as tecnologias da informação. Ao conceito de Nativos Digitais, Prensky (2001a e 2001b) contrapõe o termo de Imigrantes Digitais, caracterizando-os como digitalmente obsoletos, na tentativa de se adaptar à nova realidade digital, apresentarão sempre características do seu passado:

“The “digital immigrant accent” can be seen in such things as turning to the Internet for information second rather than first, or in reading the manual for a program rather than assuming that the program itself will teach us to use it. Today’s older folk were “socialized” differently from their kids, and are now in the process of learning a new language. And a language learned later in life, scientists tell us, goes into a different part of the brain.” (Prensky, 2001a: 2)

Apesar de Prensky ter cunhado o termo “Digital Natives”, na última década vários autores contribuíram para a construção de uma caracterização desta nova geração, dando-lhes diferentes designações: Millennials (Howe and Strauss, 1991, 2000, 2003), Net Generation (Tapscott, 1998, 2009, Oblinger & Oblinger, 2005), Digital Natives (Prensky, 2001a, 2001b, 2009, 2010, Palfrey and Gasser, 2008), IM Generation (Lenhart, Rainie and Lewis, 2001), Homo Zappiens (Veen, 2003), Generation Y (Jorgensen, 2003; Weiler, 2005; McCrindle, 2006), Digital Generation (Monereo, 2004), Gamer Generation (Carstens and Beck, 2005), Google Generation (Rowlands et al, 2008; JISC-Ciber, 2008). Iremos de seguida considerar algumas das contribuições que tiveram impacto na temática dos Nativos Digitais.

Don Tapscott, no seu livro *Grown Up Digital: The rise of the net generation*, foi um dos primeiros autores a refletir sobre esta geração nascida nos anos 80 e 90, dando-lhes o nome de “Net Generation”. Tapscott (1998) refere que esta geração coincide com a revolução digital que transformou toda a sociedade em geral mas

em particular os jovens que ele considera o “coração” da nova era digital. Segundo este autor, esta geração pensa de uma forma diferente, tem uma elevada autoestima e tem uma personalidade que aceita a diversidade, curiosidade e autoconfiança. As suas diferenças são produzidas pela tecnologia ao invés de serem um resultado de outros fatores sociais, históricos ou culturais, demonstrando uma relação intuitiva e espontânea com as tecnologias digitais. Uma comunidade notável que revolucionou formas de pensar, interagir, trabalhar e socializar (Tapscott, 1998).

Howe & Strauss (2000), por sua vez, têm uma visão extremamente otimista desta geração que denominam de “Millenials”, caracterizando-os como uma geração que tem uma visão positiva das tecnologias, confiantes nas suas competências para as utilizar e para encontrar informação. Estes jovens tendem a estar muito ligados ao visual, executam várias tarefas simultaneamente e tendem a cansar-se rapidamente das formas de comunicação tradicionais. (Howe & Strauss, 2000)

Monereo (2004) apresenta esta geração como sendo a “Geração Tecnológica”, cuja construção virtual da mente é um fenómeno incontornável. Este autor chama no entanto a atenção para a necessidade de educar estes jovens, de forma a estarem preparados para tirar o máximo proveito da grande quantidade de informação que podem obter das tecnologias. A forma como estes jovens processam informação e abordam a resolução de problemas difere de forma radical daqueles que cresceram com os textos escritos (Monereo, 2004: 33,34).

Mais recentemente Rowlands et al. (2008) no seu artigo sobre o relatório elaborado para a British Library e o JISC definiram os jovens que nasceram depois de 1993 de “Google Generation”. Neste artigo exploram o mundo de um grupo de jovens com pouca ou nenhuma lembrança de vida antes da Web, uma vez que nasceram num mundo dominado pela Internet. (Rowlands et al., 2008) De acordo com estes autores esta geração é mais competente com as tecnologias, tem elevadas expectativas das Tecnologias de Comunicação e Multimédia, prefere sistemas interativos e está a afastar-se de ser um consumidor passivo de informação. Estes jovens mudaram decisivamente para as formas digitais de comunicação e preferem a informação visual ao texto. (Rowlands et al., 2008: 299, 230)

Perante as várias perspetivas apresentadas pelos diversos autores, poderemos então concluir que se trata de uma geração com as seguintes características (Smith, 2012: 6,7)

- Têm uma nova forma de ser e de estar (Prensky, 2001a; Oblinger, 2003; Tapscott, 1998)
- Dirigem uma sociedade em transformação digital (Howe & Strauss, 2000; Oblinger & Oblinger, 2005; Prensky, 2001a; Tapscott, 1998)
- São inata ou inerentemente “tech-savy” (Howe & Strauss, 2000; Oblinger & Oblinger, 2005; Prensky, 2001a, 2001b; Tapscott, 1998)
- São colaborativos, orientados para o trabalho em equipa e peritos em multi-tarefas (Howe & Strauss, 2000; Prensky, 2001b; Tapscott, 1998)
- Uma geração cuja linguagem nativa é a linguagem tecnológica (Prensky, 2001a, 2001b)

- Adoptam o jogo, a interação e a simulação (ambientes visuais, virtuais e multi-lineares) (Prensky, 2001a, 2001b; Tapscott, 1998)
- Exigem a gratificação imediata (Prensky, 2001a, 2001b)
- Refletem e respondem à economia do conhecimento (Howe & Strauss, 2000, Tapscott, 1998).

Smith (2012) sublinha a importância destas teorias na medida em que permitiram responder à necessidade urgente de caracterização dos novos comportamentos dos jovens imersos na cultura digital. A autora considera que apesar do surgimento de inúmeras críticas em torno desta questão, as ideias chave da “Net Generation” como Nativos Digitais pode ser observado no discurso dentro do ensino superior e pode ser incorporado nas suposições da pesquisa contemporânea no que respeita a percepção dos jovens em relação às tecnologias emergentes (Smith, 2012: 7).

De acordo com Bennett et al. (2008) poder-se-á dizer que o debate sobre os Nativos Digitais se baseia em duas afirmações: Que existe uma geração distinta de Nativos Digitais e que a educação tem que mudar fundamentalmente para ir de encontro às necessidades destes Nativos Digitais. Segundo os mesmos autores estas afirmações são no entanto baseadas em fundamentos pouco empíricos e teóricos (Bennett et al: 777).

Esta ideia de que uma nova geração de estudantes está a entrar no sistema educativo tem levantado muita atenção entre os educadores e comentadores de educação, gerando um debate teórico em torno de várias questões (Bennett et al., 2008).

Na impossibilidade de abordar todos os autores e as diversas críticas apontadas na literatura, indicaremos um resumo de algumas das críticas que nos permitem um melhor enquadramento relativamente à análise em questão.

4. O DEBATE EM TORNO DOS NATIVOS DIGITAIS

As várias críticas que surgiram em torno do debate a respeito da caracterização dos Nativos Digitais incidem especialmente no trabalho de Prensky devido ao forte impacto que as suas reflexões tiveram na comunidade académica e científica.

McKenzie (2007) considera que as afirmações proferidas por Prensky não têm evidência ou dados que as suportem, considerando-as por isso infundadas. Segundo este autor os estereótipos apresentados por Prensky parecem basear-se na observação pessoal, em fortes preconceitos e em pensamentos infundados ao fazer uma generalização “grosseira” de complexos segmentos, juntando-os de forma idêntica, sem fazer distinção quanto ao tempo que utilizam com as tecnologias ou ao sexo e à idade dos jovens. Também Koutropoulos (2011) menciona a falta de evidência empírica das afirmações de Prensky ao afirmar que ele apenas utiliza o senso comum para fundamentar a sua teoria e que o senso comum não pode ser tomado como universal. Alguns dos estudos empíricos efetuados posteriormente com esta geração, indicam dados contrários aos dos apresentados por Prensky, Tapscott e Oblinger,

principalmente em relação às suas competências e ao uso efetivo das tecnologias (Bennett et al., 2008).

Outra das críticas apontadas é a da tendência de generalizar a caracterização, ao juntar os indivíduos apenas pelo seu grupo etário e exposição às tecnologias (McKenzie, 2007). Prensky não tem em conta as desigualdades ao nível económico, pedagógico, social e cultural (Helsper, 2008), o passado socioeconómico, o país de origem nem o contexto em que se encontram estes indivíduos (Koutropoulos, 2011). Koutropoulos (2011) refere que o contexto é de extrema importância, uma vez que as características apresentadas cobrem uma minoria e por isso considerar os nativos como privilegiados ou não depende do nosso contexto cultural.

McKenzie (2007) chama ainda a atenção para o facto de Prensky, apenas enaltecer os aspetos positivos e não considerar a possibilidade de a imersão no digital poder representar na verdade privação ou desvantagem sensorial e afirma que uma infância ligada às tecnologias pode promover uma preparação inadequada para os verdadeiros desafios do envolvimento cívico numa democracia altamente tecnológica e afirma: *“Being born into a culture saturated with things digital is not a complete blessing despite the eager claims of digital drum majors and pied pipers. Neither is such immersion an automatic state of grace.”* (McKenzie, 2007)

De acordo com Bennett et al. (2008: 778) e com base em estudos efetuados verifica-se que um número significativo de jovens não tem o mesmo nível de acesso às tecnologias ou competências tecnológicas como era previsível pelos proponentes da ideia dos Nativos Digitais. Estes autores referem ainda que a relação entre o acesso à tecnologia, utilização e competências, e as características de atitude e disposição comumente atribuída aos Nativos Digitais, ainda está por explorar.

A divisão que Prensky faz ao separar os Nativos dos Imigrantes Digitais pode na opinião de Helsper (2008) ser um perigo, na medida em que se corre o risco de limitar a visão sobre a partilha e interação que pode haver entre estes dois grupos. A autora chama a atenção para o perigo de uma sobrevalorização das competências destes indivíduos, estimulando uma autoconfiança exacerbada quanto às suas capacidades que os pode levar a evitarem recorrer aos designados Imigrantes Digitais para ajuda.

Bennett et al. (2008: 779) chama ainda a atenção para o facto de uma generalização de toda uma geração de jovens focar a sua atenção nos indivíduos tecnicamente habilitados, poder levar a que os menos interessados ou menos capazes sejam negligenciados e que não se tenha em atenção o possível impacto de fatores socioeconómicos e culturais. O autor coloca ainda a seguinte hipótese: *“It may be that there is as much variation within the digital native generation as between the generation.”* (Bennett et al., 2008: 779)

A imagem que começa agora a surgir dos estudos sobre a relação dos jovens com as tecnologias é muito mais complexa do que a caracterização dos Nativos Digitais sugere. Enquanto que por um lado a vida destes indivíduos está emersa em tecnologia, a forma como a utilizam e as suas competências não são uniformes.

Os jovens podem fazer as coisas de forma diferente, mas não há evidências para os considerar alienígenas em relação ao resto da sociedade (Bennett et al., 2008: 783). Como refere Schulmeister (2014), o fato de passarem muitas horas em atividades com os meios digitais e das inúmeras tarefas que com elas desenvolvem não é automaticamente garantia de mais educação. “O fosso digital continua a perpetuar-se apesar da crescente disseminação da tecnologia entre as classes sociais mais baixas e das famílias carenciadas educacionalmente” (Schulmeister 2014: 10). De acordo com estes autores é necessário efetuar uma investigação atenta e rigorosa que inclua a perspectiva dos jovens e dos seus professores e que procure compreender a situação atual.

Estas divergências continuam a ser estudadas com base em pesquisa empírica na tentativa de compreender que tipo de diferenças existe entre as gerações e especialmente dentro das gerações. As preocupações prendem-se em compreender quais os fatores que estão na origem de uma série de desigualdades, que incluem o acesso diferenciado, o contacto com as tecnologias, o uso que fazem das tecnologias e as diferenças quanto ao acesso e uso entre grupos sociais e demográficos. Na generalidade estes fatores são normalmente as diferenças culturais, económicas, educacionais, socioeconómicas, idade e sexo. Segundo Selwyn (2009) os estudos empíricos apresentam uma imagem mais complexa da utilização que os jovens fazem das tecnologias do que aquela que nos é sugerida por autores como Prensky ou Tapscott. Os estudos empíricos sugerem que a capacidade dos jovens para aceder às tecnologias digitais continua a ser fortemente pautada pelo estatuto socioeconómico e classe social, bem como o género ou a localização geográfica (Selwyn, 2009: 372).

Iremos de seguida apresentar alguns artigos sobre estudos efetuados com jovens em diversos países na tentativa de verificar se os resultados vão de encontro às divergências anteriormente referidas. Na impossibilidade de apresentar todos os estudos, selecionamos alguns dos que se referem aos jovens que nasceram nos anos 80 e 90 por se tratarem dos Nativos Digitais de Prensky, de dois países de continentes diferentes e um de Portugal por se tratar da nossa realidade.

5. DIGITAL NATIVES? VARIATION IN INTERNET SKILLS AND USES AMONG MEMBERS OF THE “NET GENERATION”

Hargittai (2010) no seu artigo *Digital Natives? Variation in Internet Skills and Uses among Members of the “Net Generation*, apresenta os dados de um estudo efetuado nos Estados Unidos com 1,060 estudantes do primeiro ano da universidade, de raças e etnias diferentes (afro-americanos, hispânicos, americanos com origem asiática, americanos nativos) e com idades compreendidas entre os 18 e os 19 anos. O estudo pretendia observar a utilização que estes jovens fazem da Internet e as suas competências para a utilização.

Na apresentação dos resultados Hargittai (2010: 108) refere que enquanto a retórica popular nos quer fazer acreditar que os usuários jovens são geralmente mais experientes com os media digitais, os dados apresentados mostram que existe

uma variação considerável mesmo entre estudantes universitários com total acesso às tecnologias, quando se trata de compreender vários aspetos do uso da Internet. Os estudantes de um extrato social mais baixo, as mulheres, os estudantes de origem hispânica e afro-americanos exibem um nível menor de *Web know-how* do que os restantes, o que de acordo com Harigittai (2010) pode ser explicado pelos contextos diferenciados de utilização e experiências. Em relação aos diferentes tipos de utilização da Internet, os resultados sugerem que aqueles que provêm de um contexto socioeconómico mais baixo, as mulheres e os estudantes hispânicos tendem a envolver-se menos em atividades de procura de informação online do que os outros (Harigittai 2010: 108). As competências na utilização da Internet apresentam-se fortemente associadas aos diferentes tipos de utilização, sendo que os estudantes com um elevado nível de *know-how* se envolvem em mais atividade online do que os outros (Harigittai 2010: 109). A autora conclui o seu artigo com uma crítica forte aos Nativos Digitais e à “Net Generation”, ao afirmar que ao contrário de algumas afirmações acerca dos jovens inerentemente “web savvy”, os dados apresentados não suportam a ideia que os jovens adultos são universalmente conhecedores da Web. Na realidade, neste estudo demonstra que existem variações sistemáticas no *know-how* online, mesmo entre um grupo com elevado acesso à Internet baseado no seu conhecimento anterior. E termina chamando a atenção para a necessidade de uma abordagem diferenciada para estudar a relação entre a utilização da Internet e a desigualdade social.

6. FIRST YEAR STUDENTS’ EXPERIENCES WITH TECHNOLOGY: ARE THEY REALLY DIGITAL NATIVES?

O artigo de Kennedy, et al. (2008) reporta um estudo realizado na Austrália, com 2120 alunos do primeiro ano da universidade, com idades compreendidas entre os 17 e os 24 anos. Os alunos foram inquiridos quanto ao acesso à Internet, à utilização da internet e à sua preferência a nível de tecnologias e ferramentas emergentes. Na apresentação dos resultados Kennedy et al. (2008: 118) destacam a falta de homogeneidade na população estudantil do primeiro ano em relação à tecnologia e um potencial “fosso digital” entre alunos do mesmo nível. Apesar de alguns estudantes adotarem as tecnologias e ferramentas da “Net Generation”, isto não é de forma alguma uma experiência universal. Quando se vai para além das tecnologias e ferramentas básicas (por exemplo computadores, telemóveis, e-mails), os padrões de acesso e uso variam consideravelmente. Estes resultados contrariam os principais pressupostos subjacentes na construção dos Nativos Digitais de Prensky.

7. JOVENS E INTERNET: DISCUTINDO DIVISÕES DIGITAIS

O artigo apresentado por Ponte (2010) incide sobre 22 jovens, 11 de cada sexo e de cada grupo etário (15-19 e 20-24 anos), dos quais cinco são de nacionalidade brasileira e dois são luso-africanos e procura questionar o acesso às tecnologias

e a sua utilização. De acordo com os resultados todos os jovens são utilizadores da Internet, têm computador em casa e são “*competentes no acesso operacional ao hardware e ao software*”, no entanto nota-se que os jovens não fazem referência a um “*acesso substantivo e estratégico à informação que transcenda os seus interesses de entretenimento*”(Pontes, 2010: 18) De acordo com os resultados poderá afirmar-se que existem semelhanças e diferenças entre os jovens de meios socioeconómicos e culturais diversificados acedem e usam as tecnologias digitais (Ibidem, 2010). A autora refere que os alunos utilizam as tecnologias para informação, comunicação e entretenimento, mas depreende-se a “*falta de literacia crítica na procura de conteúdos*”. Há por isso segundo Pontes (2010) uma “*necessidade de se considerar a geração digital nas suas diferenças internas, de não a desligar dos seus contextos de existência e de incentivar políticas de inclusão digital que não excluam a dimensão da literacia crítica e da participação pública.*”

Os casos apresentados vêm na realidade confirmar as críticas que McKenzie (2007), Bennett, et al., (2008) entre outros, apresentaram. Ao contrário do que alguns autores defendiam, não se pode falar de uma geração homogénea “abençoada digitalmente”, com competências próprias e distintas no acesso e utilização das novas tecnologias. Fatores diversos, que vão desde a sua raça ou etnia, ao contexto socioeconómico em que estão inseridos fazem com que se verifiquem fortes diferenças dentro desta geração que está longe pode ser considerada na sua globalidade. Como refere Livingstone (2009), na realidade o envolvimento dos jovens com as tecnologias digitais é frequentemente mais passivo, solitário, esporádico e banal, seja em casa ou na escola”

8. NOTAS FINAIS

Prensky (2001), Tapscott (1998), Oblinger (2003), entre outros chamaram a nossa atenção para uma geração que nasceu numa época em que as tecnologias se começaram a desenvolver até se tornarem indispensáveis, e que por isso se tornou nativa da linguagem desses meios digitais. Mas poderemos então dizer que todas os jovens nascidos num ambiente digital, independentemente da sua cultura, extrato social, sexo ou raça são Nativos Digitais?

Na verdade a pesquisa empírica tem vindo a demonstrar ao longo dos últimos anos que existe uma complexidade e uma diversidade muito elevada dentro desse ambiente digital e principalmente dessa geração. Existem fatores de diversa ordem condicionam fortemente o acesso e a forma como estes jovens acedem às novas tecnologias como já foi demonstrado nos estudos efetuados. Os fatores discriminantes são entre outros, as diferenças sociais, culturas, socioeconómicas que condicionam os interesses, as necessidades, as expectativas e até as estratégias utilizadas.

Esta geração, adepta e dependente das tecnologias, precisa de ser guiada e apoiada para poder tirar o máximo proveito da vasta gama de tecnologias que tem ao ser dispor e para tal é necessário focar a atenção nas utilizações, na significação e apropriação que eles fazem da tecnologia. Existe talvez, de acordo com Buckingham

(2007) a necessidade de colocar ênfase no desenvolvimento das capacidades críticas e criativas dos jovens no que respeita as tecnologias digitais.

A nosso ver a investigação empírica está longe de poder ser considerada completa, na medida em que a constante evolução das tecnologias leva a uma constante alteração da sociedade. Nesse sentido para se continuarem a estudar as divergências é necessário proceder a mais estudos de contextualização destes processos na vida quotidiana das pessoas e dos grupos sociais.

REFERÊNCIAS

- Bennett, S., Maton, K., & Kervin, L. (2008) "The 'Digital Natives' Debate: A Critical Review of the Evidence", *British Journal of Educational Technology*, 39(5), 775-786.
- Buckingham, D. (2007) *Beyond Technology*, Polity Press: Cambridge.
- Corrin, L., Lockyer, L., & Bennett, S. (2010) *Technological Diversity: An Investigation of Students' Technology Use in Everyday Life and Academic Study, Learning, Media and Technology*, 35(4), 387-401.
- Helsper, E. J. (2008) *Digital Natives and Ostrich Tactics. The Possible Implications of Labelling Young People as Digital Experts*, Futurelab: London. [On Line] [http://www.beyondcurrenthorizons.org.uk/wp-content/uploads/final_helsper_digitalnativesostrichtactics_20081201_jb.pdf, acedido em 07/01/2014]
- Hargittai, E. (2010) "Digital natives? Variation in Internet Skills and Uses Among Members of the "Net Generation", *Sociological Inquiry*, 80(1), 92-113.
- Howe, N., & Strauss, W. (2009) *Millennials Rising: The Next Great Generation*, Random House LLC.
- Jenkins, H. (2007) *From YouTube to YouNiversity*, *Chronicle of Higher Education*, 53(24).
- Kennedy, G. et al. (2008) "First Year students' Experiences with Technology: Are they Really Digital Natives", *Australian Journal of Educational Technology*, 24.1: 108-122.
- Koutropoulos, A. (2011) "Digital Natives Ten Years After", *Journal of Online Learning and Teaching*, 7 (4): 525-538.
- Livingstone, S. (2009) *Children and the Internet*, Polity.
- McKenzie, J. (2007) "Digital Nativism, Digital Delusions, and Digital Deprivation, From Now On", *The Educational Technology Journal* 17.2.
- Monereo, C. (2004) "The Virtual Construction of the Mind: The Role of Educational Psychology", *Interactive Educational Multimedia*, 9: 32-47.
- Oblinger, D. & Oblinger, J. (2005) "Is it Age or IT: First Steps toward Understanding the Net Generation", *Educating the net generation*, 2(1-2): 20.
- Palfrey, J., Gasser, U. (2008) *Born digital: Understanding the First Generation of Digital Natives*, Basic Books: New York
- Ponte, C. (2010) *Jovens e internet: discutindo divisões digitais*, Barbosa, M. e Morais, Osvando J. (org.) *Comunicação, cultura e juventude*. São Paulo. Intercom, 327-359. [On line] [[PDF] de cost-transformin-audiences.eu, acedido em 08/02/2014]

- Paupério, J. & Pinto, M. (2013) *De que Oais são os Nativos Digitais? Reflexão sobre o fenómeno e os novos comportamentos digitais*.
- Prensky, M. (2001a) "Digital Natives, Digital Immigrants part I", *On the Horizon*, 9,5: 1-6.
- Prensky, M. (2001b) «Digital Natives, Digital Immigrants part II. Do they Really Think Differently?», *On the Horizon*, 9, 6: 1-6.
- Rowlands, I., Nicholas, D., Williams, P., Huntington, P., Fieldhouse, M., Gunter, B. & Tenopir, C. (2008) "The Google Generation: The Information Behaviour of the Researcher of the Future", *Aslib Proceedings*, 6 (4): 290-310).
- Selwyn, N. & Facer, K. (2007) *Beyond the Digital Divide. Opening Education Reports*, Bristol: Futurelab, acedido em 24/10/ 2007.
- Selwyn, N. (2009) *The Digital Native—Myth and Reality*, in *Aslib Proceedings* 6(4): 364-379.
- Smith, E. E. (2012) "The Digital Native Debate in Higher Education: A Comparative Analysis of Recent Literature", *Canadian Journal of Learning & Technology*, 38(3): n3.
- Schulmeister, R. (2014) "Is there a Net Generation in the House? Dispelling a Mystification", *Learning: 01-24*.
- Tapscott, D. (1998) *Growing Up Digital: The Rise of the Net Generation*, New York: McGraw-Hill.